

**Relações comerciais com o Oriente Médio**

- **Escalada militar:** Após a guerra de **12 dias** entre Israel e Irã em junho de 2025, o conflito voltou a se agravar em **28 de fevereiro de 2026**, com novos ataques de EUA e Israel contra o Irã.
- **Ampliação regional:** A crise passou a ter efeitos mais amplos no Oriente Médio, com desdobramentos militares além do eixo Israel-Irã e aumento do risco de conflito regional prolongado.
- **Choque logístico:** A escalada já afeta o comércio internacional, com navios danificados, embarcações paradas nas proximidades do **Estreito de Ormuz** e forte aumento do risco operacional na região.
- **Pressão sobre custos:** Seguradoras marítimas começaram a cancelar cobertura de risco de guerra, enquanto fretes e preços do petróleo subiram, elevando os custos logísticos globais.
- **Impacto para o RS:** O cenário é especialmente sensível para o Rio Grande do Sul, porque parcela relevante de suas exportações ao Oriente Médio e de suas importações de insumos, sobretudo ligados a **fertilizantes**, está exposta à instabilidade no Golfo Pérsico e no entorno do Estreito de Ormuz. O estreito respondeu, em 2024, por cerca de **20 milhões de barris/dia** e por aproximadamente **1/5** do comércio global de GNL.
- **Exp. RS** – US\$ 1,3 bilhão (6,0% do total exportado pelo RS em 2025).
  - **Abate de aves** (US\$ 461,9 milhões em 2025 | 35,6% das exportações do ramo foram destinadas a esses países).
    - Principal destino: Emirados Árabes Unidos (US\$ 197,0 milhões em 2025).
- **Imp. RS** – US\$ 743,7 milhões (5,3% do total importado pelo RS em 2025).
  - **Intermediários para fertilizantes** (US\$ 414,7 milhões | 36,9% das compras do RS advindos dessa região).
    - Principal origem: Arábia Saudita (US\$ 398,6 milhões em 2025).

**Histórico recente – (atualizado em 2 de março de 2026)**

O quadro geopolítico no Oriente Médio deteriorou-se de forma significativa ao longo dos últimos meses. A guerra entre Israel e Irã em 2025 teve início em 13 de junho de 2025, quando Israel lançou ataques contra alvos iranianos ligados ao programa nuclear e à estrutura militar do país. Em resposta, o Irã retaliou com mísseis e drones contra o território israelense. O conflito evoluiu rapidamente e, após a entrada direta dos Estados Unidos com bombardeios a instalações nucleares iranianas, foi encerrado por um cessar-fogo anunciado em 24 de junho de 2025, após 12 dias de confrontos. Ainda assim, o acordo se mostrou frágil desde o início, com acusações mútuas de violações logo após sua entrada em vigor; a Unidade de Estudos Econômicos (UEE), vinculada à FIERGS, publicou um [Estudo Especial](#) sobre o conflito à época.

Naquele episódio de junho de 2025, a principal retaliação direta do Irã aos Estados Unidos ocorreu contra a base aérea de Al Udeid, no Catar. Segundo a Reuters, não houve confirmação de ataque iraniano a outras bases norte-americanas além da instalada em território catari, e não foram registradas mortes de militares dos EUA nessa ação específica.

O cessar-fogo de 2025, contudo, não produziu estabilização duradoura. Em 28 de fevereiro de 2026, Estados Unidos e Israel voltaram a atacar o Irã, inaugurando uma nova fase de escalada militar. Segundo a Reuters, a ofensiva matou o líder supremo iraniano, Ali Khamenei, fato posteriormente reconhecido pela mídia estatal iraniana. A partir daí, o conflito deixou de ser apenas uma recaída pontual e passou a assumir feições de conflito regional ampliado, com ataques e represálias atingindo não apenas Israel e Irã, mas também outros países e ativos estratégicos da região.

Em 2 de março de 2026, a Reuters informou que a guerra já havia se expandido para o Líbano, após o Hezbollah lançar mísseis e drones em retaliação à morte de Khamenei, provocando novos ataques israelenses. No mesmo contexto, aliados dos Estados Unidos no Golfo passaram a sofrer ataques iranianos, com registros de explosões e incidentes em Kuwait, Catar e Emirados Árabes Unidos, além de um ataque com drone à base britânica de Akrotiri, no Chipre. Também foram confirmadas as primeiras baixas militares norte-americanas dessa nova campanha, em uma base no Kuwait.

A reação internacional tem sido marcada por forte preocupação com a possibilidade de uma guerra regional de maiores proporções. Em sessão emergencial do Conselho de Segurança da ONU, o secretário-geral António Guterres condenou a escalada e afirmou que os

acontecimentos comprometem a paz e a segurança internacionais. A própria ONU registrou que, em resposta aos bombardeios de EUA e Israel, o Irã lançou ataques em diferentes pontos do Oriente Médio, incluindo Doha, Bahrein, Kuwait e Dubai, elevando o risco sistêmico para a região.

No plano econômico e logístico, a deterioração recente do conflito já começou a produzir efeitos concretos. Em 1º de março de 2026, a Reuters noticiou danos a três navios-tanque, a morte de um tripulante e a paralisação de mais de 200 embarcações nas proximidades do Estreito de Ormuz, incluindo petroleiros e navios de gás natural liquefeito. Parte das operações passou a ser redirecionada para rotas alternativas, enquanto alguns terminais e portos da região tiveram suas atividades interrompidas ou severamente reduzidas.

Em 2 de março de 2026, a Reuters também informou que importantes seguradoras marítimas decidiram cancelar a cobertura de risco de guerra para embarcações que operem em águas iranianas, no Golfo e em áreas adjacentes, com efeitos a partir de 5 de março de 2026. Esse movimento tende a elevar de forma expressiva os custos de frete e seguro, além de reduzir a previsibilidade logística do comércio internacional na região. No mesmo dia, a agência reportou forte alta dos preços do petróleo e avanço acelerado das tarifas de transporte marítimo, refletindo a percepção de que a crise deixou de ser apenas uma ameaça potencial e passou a afetar diretamente os fluxos comerciais.

Esse contexto é especialmente sensível porque o Estreito de Ormuz permanece como uma das principais rotas energéticas do mundo. De acordo com a U.S. Energy Information Administration, em 2024 passaram pelo estreito 20 milhões de barris por dia, volume equivalente a 20% do consumo global de líquidos petrolíferos, além de aproximadamente 1/5 do comércio global de gás natural liquefeito. A mesma fonte ressalta que, embora Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos disponham de alguma infraestrutura para contornar parcialmente a rota, a maior parte dos fluxos segue dependente dessa passagem.

Dessa forma, o cenário atual permanece altamente volátil e substancialmente mais grave do que o observado em junho de 2025. A persistência das hostilidades, a ampliação geográfica dos ataques e os efeitos já visíveis sobre seguros, energia, navegação e custos logísticos reforçam os riscos para o comércio internacional e, por consequência, para os fluxos de exportação e importação do Rio Grande do Sul com países do Oriente Médio.

**Exportações gaúchas para o Oriente Médio**

Em 2025, o Rio Grande do Sul exportou um total de US\$ 1,3 bilhão em mercadorias para o Oriente Médio, valor que correspondeu a 6,0% do total exportado pelo estado naquele ano. Nesse período, o principal parceiro comercial da região foram os Emirados Árabes Unidos (US\$ 471,5 milhões | 36,4% das exportações para o Oriente Médio), seguido da Arábia Saudita (US\$ 258,0 milhões | 19,9%), do Irã (US\$ 163,9 milhões | 12,7%) e do Iraque (US\$ 94,2 milhões | 7,3%).

**Exportações para o Oriente Médio – Rio Grande do Sul**

(Em % | Proporção com relação ao total)



Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração e compilação dos dados: UEE/FIERGS.

**Compras feitas pelos países que tem portos no Golfo Pérsico**

Das nossas vendas externas para o Oriente Médio (OM), US\$ 1,1 bilhão – equivalente a 85,6% do total embarcado em 2025 para o OM – destina-se a países que possuem portos no Golfo Pérsico, região onde se localiza o Estreito de Ormuz.

### Exportações do RS para o Oriente Médio – Ramos

(Valores em FOB | Em milhões de US\$)

	jan-dez/25	Prop.%
Abate de aves	461,9	35,6
Óleos vegetais em bruto	85,7	5,5
Cultivo de milho	84,1	45,4
Processamento industrial do tabaco	79,6	2,8
Cultivo de soja	76,2	2,2
Celulose e outras pastas para a fabricação de papel	69,5	7,7
Outros produtos do tabaco, exceto cigarros, cigarrilhas e charutos	54,4	29,8
Cultivo de trigo	46,4	8,9
Produtos à base de café	21,3	62,0
Abate de bovinos	18,5	3,2
Resinas termoplásticas	13,0	1,8
Serrarias com desdobramento de madeira em bruto	12,8	4,9
Horticultura, exceto morango	12,4	51,1
Bovinos para corte	8,7	3,8

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração e compilação dos dados: UEE/FIERGS.

Nota: Prop.% refere-se ao percentual das exportações totais do ramo que foram destinadas a esses países.

No caso específico do **Irã**, a maior parte dos embarques em 2025 correspondeu ao ramo de *Óleos vegetais em bruto*<sup>1</sup>, que somou US\$ 84,1 milhões (51,3% do total embarcado para o país naquele ano). Em seguida, destacaram-se as vendas de *Cultivo de soja*, com US\$ 59,2 milhões (36,1%) e de *Cultivo de milho* com US\$ 20,4 milhões (12,5%). Vale mencionar que, devido à localização geográfica desse país, os portos que dão acesso ao mercado externo estão situados no Golfo Pérsico – *Bandar Abbas*, *Bandar Imam Khomeini* e *Bushehr* – ou no Golfo de Omã, pelo *Porto de Chabahar*. O *Porto de Bandar Anzali* localiza-se ao norte do Irã, no Mar Cáspio.

Para os **Emirados Árabes Unidos** (EAU), nosso maior mercado consumidor na região, a maior parte dos embarques concentrou-se nos ramos de **Abate de aves** (US\$ 197,0 milhões em 2025 | 41,8% do total embarcado naquele ano para os EAU), de **Processamento industrial do tabaco** (US\$ 79,6 milhões | 16,9%) e de **Celulose e outras pastas para fabricação de papel** (US\$ 69,5 milhões | 14,7%). A maior parte dos portos desse país está localizada no Golfo Pérsico – *Jebel Ali (Dubai)*, *Porto Khalifa (Abu Dhabi)*, *Porto Rashid (Dubai)* e *Porto de Sharjah* –, havendo apenas uma saída para o Golfo de Omã, pelo *Porto de Fujairah*.

O **Iraque**, quarto principal destino das exportações gaúchas para o Oriente Médio em

<sup>1</sup> É importante mencionar que dentre os produtos que são exportados por esse ramo de produção, o que mais se destacou foi *Bagaços e outros resíduos sólidos, da extração do óleo de soja* (US\$ 84,1 milhões).

2025, recebeu US\$ 94,2 milhões em mercadorias. As principais aquisições foram dos ramos de **Abate de aves**, que somaram US\$ 39,2 milhões (41,6% do total importado do RS) e de **Outros produtos do tabaco**, com US\$ 24,7 milhões (26,2%). As operações de comércio exterior com o Iraque são realizadas, predominantemente, por meio dos portos de *Umm Qasr* (próximo à fronteira com o Kuwait), *Basra*, *Khor Al Zubair*, *Abu Flous* e pelo *Terminal de Petróleo de Al Başrah*, todos localizados no Golfo Pérsico.

Quanto ao **Reino da Arábia Saudita**, o Rio Grande do Sul exportou US\$ 258,1 milhões para aquele país em 2025. Os principais ramos exportadores foram: **Abate de aves** (US\$ 118,1 milhões | 45,8% das vendas do RS para esse país), **Cultivo de milho** (US\$ 63,5 milhões | 24,6%) e **Cultivo de trigo** (US\$ 46,4 milhões | 18,0%). Os principais portos sauditas localizados no Golfo Pérsico são o *Porto Rei Abdulaziz* (em *Dammam*), o *Porto Comercial de Jubail* e o *Porto de Ras Tanura*. No Mar Vermelho, destacam-se o *Porto de Jeddah* e o *Porto Industrial Rei Fahd* (em *Yanbu*).

No que se refere ao **Kuwait** (US\$ 47,1 milhões em 2025), a maior parte das compras desse país concentrou-se nos ramos de **Abate de aves** (US\$ 42,2 milhões | 89,6% do total adquirido). Os principais portos do *Kuwait* são *Shuwaikh*, *Shuaiba*, *Ahmadi* e o *Porto da Cidade do Kuwait*, todos localizados no Golfo Pérsico.

Quanto ao **Catar** (US\$ 61,2 milhões), a maior parte das compras concentrou-se no ramo de **Abate de aves** (US\$ 52,9 milhões | 86,6% das vendas gaúchas para o Catar em 2025). Localizados no Golfo Pérsico, os principais portos desse país são o *Porto de Hamad* (situado ao sul da capital, *Doha*), *Ras Laffan*, *Mesaieed*, *Al Ruwais* e o *Porto de Doha*.

As vendas para o **Barein**, por fim, somaram US\$ 13,3 milhões em 2025 e concentraram-se, principalmente, no ramo de **Abate de aves** (US\$ 12,5 milhões | 93,6% dos embarques gaúchos para esse país). Os principais portos do reino são *Khalifa Bin Salman*, *Mina Salman*, *Sitra*, *Al Hidd* e *Manama*, todos localizados no Golfo Pérsico.

### Importações gaúchas do Oriente Médio

Em 2025, o Rio Grande do Sul importou um total de US\$ 743,7 milhões em mercadorias do Oriente Médio, valor que correspondeu a 5,6% do total importado pelo estado naquele ano. Nesse período, o principal parceiro comercial da região foi a Arábia Saudita (US\$ 505,2 milhões | 67,9% das importações do Oriente Médio), seguido de Israel (US\$ 98,3

milhões | 13,2%), do Catar (US\$ 85,1 milhões | 11,4%) e de Omã (US\$ 28,4 milhões | 3,8%).

Quanto à nossa dependência de produtos provenientes dessa região, ao se comparar as importações por ramos do Oriente Médio com o total importado pelo Rio Grande do Sul, observa-se que os principais impactos potenciais se concentram em:

- **Intermediários para fertilizantes**, que tem 36,9% das compras do RS advindos dessa região,
- **Adubos e fertilizantes** (20,5% do total importado pelo RS vem do oriente Médio),
- **Outros produtos químicos inorgânicos** (14,9%),
- **Resinas termoplásticas** (11,1%).

Dessa forma, verifica-se que nossa dependência da região está concentrada, sobretudo, em insumos voltados à indústria de Fertilizantes.

Nossas importações da Arábia Saudita em 2025, nosso principal parceiro comercial na região, centram-se principalmente em produtos pertencentes aos ramos de *Intermediários para fertilizantes* (US\$ 398,6 milhões | 78,9% de nossas compras desse país), *Adubos e fertilizantes* (US\$ 85,5 milhões | 16,9%) e *Resinas termoplásticas* (US\$ 13,3 milhões | 2,6%). Como comentado anteriormente, esse país possui portos tanto no Golfo Pérsico quanto no Mar Vermelho.

## Considerações gerais

Diante do quadro geopolítico atual no Oriente Médio, os riscos para o comércio exterior gaúcho tornaram-se mais elevados e mais concretos do que aqueles observados em meados de 2025. A retomada e ampliação do conflito entre Israel, Irã e seus aliados regionais elevou a instabilidade em uma área estratégica para o comércio internacional, especialmente em torno do Golfo Pérsico e do Estreito de Ormuz. Nesse contexto, aumentam os riscos de interrupções logísticas, encarecimento dos fretes, elevação dos prêmios de seguro, volatilidade nos preços da energia e maior imprevisibilidade nos fluxos de mercadorias.

No caso das exportações do Rio Grande do Sul, a exposição é relevante. Em 2025, 85,6% das vendas gaúchas ao Oriente Médio tiveram como destino países com portos no Golfo Pérsico, o que significa que parcela expressiva desses embarques está direta ou indiretamente submetida aos riscos associados à deterioração da segurança marítima na região. Além disso, a pauta exportadora para esses mercados concentra-se em segmentos específicos, com destaque para

proteínas animais, grãos, óleos vegetais, tabaco, celulose e outros produtos agroindustriais. Em alguns ramos, a participação desses destinos nas exportações totais do setor é elevada, como nos casos de *Produtos à base de café*, *Cultivo de milho*, *Abate de aves* e *Outros produtos do tabaco*, o que reforça a sensibilidade de parte da estrutura exportadora gaúcha a eventuais disrupções na região.

Do ponto de vista das importações, a vulnerabilidade concentra-se sobretudo na aquisição de insumos químicos e de produtos ligados à cadeia de fertilizantes. Em 2025, o Oriente Médio respondeu por parcelas relevantes das compras gaúchas de *Intermediários para fertilizantes*, *Aubos e fertilizantes*, *Outros produtos químicos inorgânicos* e *Resinas termoplásticas*. Isso mostra que, embora o estado não dependa da região de forma disseminada em toda a pauta importadora, há segmentos específicos em que a exposição é significativa e pode gerar impactos relevantes sobre custos, abastecimento e prazos de entrega.

A Arábia Saudita ocupa posição central nessa discussão. Por ser o principal parceiro importador do Rio Grande do Sul no Oriente Médio e por concentrar a maior parte das vendas regionais de insumos voltados à cadeia de fertilizantes, qualquer instabilidade que afete sua logística tende a repercutir de forma relevante sobre o abastecimento gaúcho. Ainda assim, o país dispõe de uma vantagem relativa: além de portos no Golfo Pérsico, possui acesso ao Mar Vermelho, o que lhe confere alguma capacidade de contornar parcialmente restrições mais severas no entorno do Estreito de Ormuz. Essa alternativa não elimina os riscos, mas tende a reduzir parte da vulnerabilidade logística.

Já países como Catar, Barein e Omã apresentam maior sensibilidade a esse tipo de choque, uma vez que suas saídas marítimas estão mais diretamente ligadas ao Golfo Pérsico. Em um cenário de agravamento do conflito, essas origens ficariam mais expostas a atrasos, interrupções de rota e aumento de custos operacionais. Mesmo quando a participação desses países no total importado pelo Rio Grande do Sul não é dominante, a relevância de determinados produtos ou insumos específicos pode tornar os impactos setoriais expressivos.

Israel, por sua vez, embora diretamente inserido no conflito, apresenta uma condição logística distinta. Seus principais portos estão localizados no Mar Mediterrâneo, com acesso também ao Mar Vermelho por Eilat, o que o mantém relativamente afastado da área de influência direta do Estreito de Ormuz. Ainda assim, por estar no centro da escalada militar, permanece

sujeito aos riscos geopolíticos mais amplos associados ao conflito regional, inclusive em termos de custos, segurança operacional e continuidade das cadeias de suprimento.

De forma geral, o cenário atual exige atenção redobrada das empresas gaúchas com relações comerciais no Oriente Médio. A permanência das hostilidades, a ampliação geográfica dos ataques e os efeitos já observados sobre navegação, seguros e custos logísticos indicam que os riscos deixaram de ser apenas hipotéticos. Assim, torna-se recomendável intensificar o monitoramento da conjuntura internacional, avaliar rotas e fornecedores alternativos, revisar estratégias de abastecimento e embarque e reforçar mecanismos de mitigação de risco, especialmente nos segmentos mais expostos da pauta exportadora e importadora do Rio Grande do Sul.

**Unidade de Estudos Econômicos | Observatório da Indústria do RS**Contatos: (51) 3347-8731 | [economia@fiergs.org.br](mailto:economia@fiergs.org.br)Observatório da Indústria do Rio Grande do Sul | <https://observatoriodaindustriars.org.br/>